

COIMBRA • 2017

62

BOLETIM DE **ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PORQUE FOI PÁRIS ESCOLHIDO PARA JULGAR AS DEUSAS? A RESPOSTA DO *EXCIDIIUM TROIAE*¹

WHY WAS PARIS SELECTED TO JUDGE THE GODDESSES? *EXCIDIIUM TROIAE'S ANSWER*

MIGUEL ABRANTES

MESTRE EM ESTUDOS CLÁSSICOS - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

miguel.r.abrantes@gmail.com

ORCID.ORG/0000-0003-2098-3318

ARTIGO RECEBIDO 28-03-2017 A E APROVADO A 14-06-2017

75

Resumo: O Julgamento de Páris é provavelmente um dos episódios mitológicos mais famosos da cultura ocidental. Porém, pouco sabemos sobre os contornos originais do episódio. Recorrendo ao texto do *Excidium Troiae*, que será apresentado de forma breve, este artigo apresentará o porquê de ter sido Páris o herói escolhido para decidir sobre a beleza das três deusas.

Palavras-chave: Páris; *Excidium Troiae*; Mitologia.

Abstract: The Judgement of Paris is likely one of the most famous mythological episodes of the western culture. However, we also know very little about the original contours of the episode. Taking advantage of the text of the *Excidium Troiae*, which will be presented briefly, this

1 Um agradecimento ao Professor Francisco Oliveira, que me deu a sua opinião sobre uma versão preliminar deste artigo.

article will present why Paris was the hero selected to decide on the beauty of the three goddesses.

Keywords: Alexander Paris; *Excidium Troiae*; Mythology.

Um dos momentos mais intrigantes da trama do Ciclo Troiano é provavelmente aquele em que Páris, filho do rei Príamo mas um mero mortal, foi escolhido para determinar a mais bela de três deusas. O episódio é sobejamente conhecido e até muito retratado na arte ocidental ao longo dos séculos, mas nenhuma das fontes clássicas parece explicar o porquê de ter sido esta figura específica a escolhida para o famoso julgamento. De facto, tendo em conta as acções de Páris nas fontes ainda existentes, dificilmente algum leitor o consideraria digno de consulta em qualquer questão importante. Ao mesmo tempo, se tivermos em conta que foi Zeus, possivelmente o mais sábio de todos os deuses, quem o escolheu para esta tarefa, somos levados a pensar que o deus saberia algo que a nós, audiência moderna, nos escapa. Afinal, porque foi Páris escolhido para julgar a beleza de Afrodite, Atena e Hera?

A resposta é tudo menos simples. Muitos são os autores da Antiguidade – de Homero² a Luciano³, entre tantos outros – que aludem ou mencionam este episódio, mas nenhum deles parece explicar, de uma forma convincente, a razão para a escolha específica deste filho de Príamo. A qualquer leitor contemporâneo pareceria muito lógico que, a ter de se escolher um dos filhos do rei de Tróia para esse papel, o mais indicado seria o grande herói de Tróia, Heitor. Será então esta uma resposta que devemos aceitar, de uma forma muito tácita, com um ressonante, mas evidentemente insatisfatório, “ele foi escolhido porque sim”?

Poderia até parecer-nos que esse seria o melhor caminho a seguir, face à perda dos *Poemas Cíprios*, em que este episódio era originalmente

2 *Il.* 24.25-30.

3 *Dial. D.* 20.

apresentado, mas felizmente ainda temos uma resposta disponível, a do *Excidium Troiae*. Porém, devido ao facto de este não ser um texto muito conhecido, será boa ideia prosseguir com uma pequena apresentação do mesmo, antes de voltarmos à resposta que aqui procuramos.

O *Excidium Troiae*, de autoria ou compilação anónima, pode ser dividido em três momentos essenciais – um relato do Ciclo Troiano até à morte de Aquiles; a queda de Tróia e as viagens de Eneias segundo a versão de Virgílio; uma sucinta narração da fundação de Roma até ao reinado de César Augusto. Cada uma destas sequências tem características muito próprias, sendo indiscutível que tenham existido pelo menos duas fontes envolvidas na sua compilação, até pelo facto de um mesmo herói ser chamado *Odisseus* na primeira parte mas *Ulixes* na segunda. Dessas duas fontes, uma delas terá obrigatoriamente de ser posterior à *Eneida*, mas a outra, como um seu editor moderno mostrou, pressupõe um conhecimento muito completo da literatura da Antiguidade, o que seria difícil de compreender num texto que tivesse sido produzido exclusivamente na Idade Média (Atwood 1971: xii-xiii). Não se trata, por isso, de um texto medieval, mas é provável que tenha sofrido alterações, ou sido compilado, já na Idade Média, baseando-se em fontes mais antigas, e daí uma grande parte da sua importância – o facto de nos preservar, indirectamente, diversa informação de fontes que já perdemos.

Nesse sentido, um elemento curioso desta obra é o facto de ela conter seis perguntas seguidas pelas respectivas respostas⁴, antes de se prosseguir com a trama. Todas elas são introduzidas com a expressão “*Et dicere habes...*”, mas diversas sequências também terminam com a

4 Além das três que serão mencionadas mais à frente contam-se também as seguintes:

“Quare Achilles inter virgines inventus est?” (ET 10.22)

“Quando Cupido se in faciem Ascanii transfiguravit, ubinam Ascanius fuit?” (ET 32.25)

“Qui fuerunt septem montes ubi Evander regnabat, vel qui fuit tipus porce que triginta porcellos generaverat?” (ET 39.5-7)

questão “*Quid multa?*”, esta segunda provavelmente para introduzir uma nova parte da trama. A título de exemplo, quando Tétis é apresentada como mãe de Aquiles e uma das cinquenta Nereidas, é perguntado o seguinte:

*Que fuerunt Nereide, aut quare hoc vocabulum acceperunt?*⁵
(ET 3.3)

É dada uma pequena explicação e a trama prossegue depois com o casamento de Peleu e Tétis. Quando as festividades levam a que Júpiter seja obrigado a premiar a beleza de uma das três deusas, é-nos dito que ele, procurando evitar ofendê-las, lhes pede que se dirijam ao Monte Ida, onde poderiam encontrar o pastor Páris, que as julgaria (ET 3.13-3.26). Segue-se então uma questão da maior importância para o nosso tema:

*Qui fuit Paris, aut quare iudex iustus appellatus est?*⁶
(ET 3.27)

78

Antes de se avançar para a resposta há que ter em conta que, se quisermos considerar esta obra como uma espécie de manual escolar, como também o fez Atwood (1971: xviii), esta seria uma questão que um professor faria aos seus alunos, dos quais esperava uma resposta muito concreta. Nesse contexto, se tivermos em conta que os Poemas Homéricos eram centrais na escolaridade da Antiguidade, será natural que só os alunos de um nível escolar muito baixo não conhecessem este filho de Príamo. Poderia parecer-nos estranho que já conhecessem a história do obscuro herói Aqueménides, referido numa outra pergunta⁷, mas devemos ter em conta que tanto essa questão como

5 “Quem foram as Nereidas, ou porque lhes foi dado este nome?”, trad. do autor.

6 “Quem foi Páris, ou porque foi chamado um juiz justo?”.

7 “Qui fuit Achemenides, vel Ulixes de cuius exercitu captivatus fuit; vel quis fuit Polifemus qui eum captivavit?” (ET 23.14-15).

a respectiva resposta nos remetem rapidamente para a relação dessa figura menor com duas outras de uma inegável importância, Ulisses e Polifemo – o objectivo não era, claramente, o de ensinar a identidade de Aqueménides, mas o de fazer um uso intermédio dessa figura, somente mencionada no canto terceiro da *Eneida*, para ensinar parte do conteúdo da *Odisseia* homérica.

Retornando então a Páris, dos alunos era esperado que o viessem a conhecer, mas que também soubessem explicar o porquê de ele ser aqui denominado *iustus*. Muitos poderiam ser os adjectivos a associar a Páris no contexto dos Poemas Homéricos, mas *iustus* não seria um deles. Associá-lo a essa qualidade implicaria desconhecer por completo as suas acções futuras, levando-nos, novamente, à ideia de que esta espécie de manual poderia ser usado para uma primeira introdução ao Ciclo Troiano. O que nos leva a uma inferência de extrema importância – qualquer jovem estudante deveria saber a razão da escolha de Páris, sendo provavelmente por isso que os mais diversos autores nunca sentem qualquer necessidade de a tornar a mencionar. Era uma questão educativa basilar, mas também seria difícil voltar a ver qualquer “justiça” na figura de Páris conhecendo o seu futuro. Mas então, porque é ele considerado *iustus* neste momento da trama? O texto deste *Excidium Troiae* dá-nos uma resposta alargada:

*Cui Paridi in armento
suo taurus mire magnitudinis natus est. Qui taurus cum tauris aliorum
pastorum dimicabat et singulos vincebat. Quem dum Paris semper vic-
torem videret, ei coronam auream inter cornua imponebat. Hoc videns,
Mars se in similitudinem tauri aptavit et cum tauro Paridis se ad dimi-
candum ostendit. Qui dum Mars in similitudinem tauri cum tauro
Paridis dimicaret, Mars victor extitit. Tunc Paris videns Martem in
similitudinem tauri taurum suum superasse, coronam quam tauro suo
imponebat Marti imposuit. Et propter quod iustitiam secutus est et
sibi non cohibuit, iudex iustus appellatus est. Hec opinio de eodem*

*peragravit. Merito etiam Iupiter inter tres deas ipsum iudicem quesivit.*⁸
(ET 4.11-4.21)

A fama de um Páris *iustus* parece então advir de um episódio específico que teve lugar quando este ainda era um pastor nos campos troianos. É uma sequência bastante directa, mas que, face à intervenção de uma entidade divina, poderia ter contribuído para tornar este filho de Príamo famoso entre os deuses. Depois, Júpiter, ao escolhê-lo para o julgamento, estaria a cumprir cumulativamente dois objectivos – não só dar uma sensação de estar a escolher um juiz imparcial, mas também assegurar que o seu plano de destruição da raça humana, mencionado no resumo que Proclo fez dos *Poemas Cíprios*⁹, tinha realmente lugar.

Somos então levados a uma outra questão de grande importância – seria já esta a razão para a escolha de Páris nos antigos *Poemas Cíprios*? Nenhum dos fragmentos associados a essa obra nos permite sabê-lo. Não temos qualquer prova em contrário, até pelo facto de nenhum outro autor mencionar a razão por detrás desta escolha divina. Poderemos, no entanto, ver aqui e ali alguns casos puramente circunstâncias. Por exemplo, quando, na versão de Luciano da Samósata, Zeus propõe que Páris seja o juiz, Afrodite faz depois uma alusão a Momo para esse papel¹⁰, enquanto que Hera menciona a figura de Ares como alguém potencialmente tendencioso, antes de dizer que todas as três deusas

80

8 “Um touro de tamanho admirável nasceu na manada de Páris. Este touro costumava lutar com os touros dos outros pastores e vencer cada um deles. Então Páris costumava pôr uma coroa entre os cornos [do animal] sempre que o via vitorioso. Marte, ao ver isto, assumiu a forma de um touro e ofereceu-se para lutar contra o touro de Páris. Quando Marte, sob a forma de um touro, lutou contra o touro de Páris, saiu vitorioso. Depois, Páris, ao ver que Marte, disfarçado, tinha superado o seu touro, colocou a coroa que costumava colocar no seu touro em Marte. E porque foi justo e não se coibiu de o fazer, foi chamado um juiz justo. Esta opinião espalhou-se. Por esse mérito Júpiter procurou-o para julgar entre as três deusas”.

9 Cf. Christopoulos (2011).

10 Recorde-se que, num escólio a *Il.* 1.5, Momo é creditado como tendo originado a ideia da Guerra de Tróia, cf. Christopoulos (2011).

aceitam “esse tal Páris, seja lá ele quem for”¹¹. Seria esta sequência um conjunto de referências dissimuladas aos episódios iniciais do Ciclo Troiano, ou uma mera coincidência? Não sabemos, mas também não podemos descartar completamente essa hipótese, até devido ao facto de Luciano, nas suas outras obras, fazer múltiplas referências a personagens e mitos sobre os quais temos muito pouco conhecimento.

O *Excidium Troiae* parece oferecer-nos uma resposta à importante questão do porquê de Páris ter sido escolhido para o Julgamento das Deusas. Contudo, face ao facto de esta obra ter sido compilada de pelo menos duas fontes diferentes, já não podemos ter a certeza se este episódio é aqui representado como já o era nas fontes mais antigas – e, em derradeiro caso, nos próprios *Poemas Cíprios*. Não obstante essa dificuldade, deveremos ter em conta que é a única fonte existente para alguns episódios patentes nas versões medievais do Ciclo Troiano. Até que ponto é que esses mesmos episódios já constavam em textos da Antiguidade, e, em caso positivo, em que fontes específicas se baseou, é algo que já não conseguimos discernir com base na literatura que temos ao nosso alcance neste momento.

81

BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, M. C. (2016), *Temas do Ciclo Troiano: Contributo para o estudo da tradição mitológica grega*. Amazon Digital Services LLC.
- Atwood, E. B., Whitaker, V. K. (1971, 1944), *Excidium Troiae*. New York, Kraus Reprint Co. Consultado online: http://www.medievalacademy.org/resource/resmgr/maa_books_online/atwood_0044.htm [acesso 6-6-2017].
- Baumgartner, E., Vielliard, F. (1998), *Benoît de Sainte-Maure, Le Roman de Troiae*. Paris, Le Livre de Poche.

11 *Dial. D.* 20.2.

- Christopoulos, M. (2011), “*Casus belli: Causes of the Trojan War in the Epic Cycle*”, Classics@ Volume 6: Efimia D. Karakantza, ed. The Center for Hellenic Studies of Harvard University, edition of February 4, 2011. Consultado online: <http://chs.harvard.edu/CHS/article/display/3367> [acesso 6-6-2017].
- Fadhilurrahman, M. (2015), *Excidium Troiae or Destruction of Troy by an anonymous author*. Edição online: <http://archive.org/details/ExcidiumTroiae> [acesso 6-6-2017].
- Frazer, J. G. (1921), *Apollodorus, The Library*. Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- Lourenço, F. (2005), *Homero, Ilíada*. Lisboa, Editora Cotovia.
- Magueijo, C. (2012), *Luciano [I]*. Coimbra, Imprensa da Universidade. Consultado online: https://classicadigitalia.uc.pt/en/livro/luciano_i [acesso 6-6-2017].
- Mancilla, C. (2015), *Artistic and Literary Representations of the Judgement of Paris in Antiquity. Master Thesis*. Canberra, The Australian National University. Consultado online: <https://openresearch-repository.anu.edu.au/handle/1885/14130> [acesso 6-6-2017].